



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

NATÁLIA CLARET ALVES DOS REIS

A MARÉ DE UMA ARTISTA-PROFESSORA:

Uma (Auto)biografia de experimentações para sonhar o mundo

BELO HORIZONTE

2025

NATÁLIA CLARET ALVES DOS REIS

A MARÉ DE UMA ARTISTA-PROFESSORA:

Uma (Auto)biografia de experimentações para sonhar o mundo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Teatro, modalidade
Licenciatura, da Escola de Belas Artes da
UFMG, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Marcondes
Machado

BELO HORIZONTE

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

FOLHA DE APROVAÇÃO

"A maré de uma artista-professora: Uma (auto)biografia de experimentações para sonhar o mundo"

NATÁLIA CLARET ALVES DOS REIS

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado, no dia 06 de dezembro de 2025, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes docentes:

Marina Marcondes Machado – Orientadora

Cláudio Emanuel dos Santos– Membro

Libéria Rodrigues Neves– Membro

Belo Horizonte, 06 de dezembro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Marina Marcondes Machado, Professora do Magistério Superior**, em 06/12/2025, às 17:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Liberia Rodrigues Neves, Professora do Magistério Superior**, em 09/12/2025, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Emanuel dos Santos, Professor Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 11/12/2025, às 18:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4781461** e o código CRC **59A91ACD**.

VIDA

“Sentir, nascer,
ter esperança de que alguém é alguém.”

— Juan Pablo Cardona, 12 anos

DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todos os seres, visíveis e invisíveis. Especialmente, aos amores da minha vida (família e amigos) que me fazem acreditar a todo instante que a manutenção da vida é o amor. Vocês me ensinam que embelezar o mundo é uma política para o bem-viver.

Dedico também aos professores deste mundão de meu Deus, especialmente aqueles que acreditam na educação como uma forma de intervir no mundo. Assim, oferecendo esse trabalho à Marina, Libéria, Adriana, Cláudio, João, Paulo e Manu. Sem vocês esse tecer de sonhos seria solitário e impossível.

Dedico também aos educandos e às educandas da EJA do Centro Pedagógico da UFMG. Esse trabalho só foi possível porque a vida de vocês esbarrou na minha. Obrigada por todo encantamento que construímos juntos.

Dedico a todos vocês como forma de agradecer e honrar a tessitura das suas vidas engendrada na minha. Que as nossas vidas sejam fartas de sabedoria e experiências. Que haja sentido e dignidade nos nossos afazeres de cada dia!

RESUMO

Esta monografia se desenvolve por meio da escrita (auto)biográfica, com o objetivo de cartografar a minha trajetória desde a infância até o momento presente, quando me reconheço como artista-professora. Articulo vivências pessoais, escolares, familiares e artísticas para construir uma Pedagogia do Teatro que me seja própria, atravessada por dimensões éticas, estéticas e políticas. Nesse percurso, apresento o meu trabalho como professora em formação na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Centro Pedagógico da UFMG, onde descrevo processos educativos e criativos que valorizam a leitura crítica do mundo. O trabalho assume uma forma híbrida - poética e memorialística - e é entretido pelos ensinamentos de Paulo Freire, com o desejo de construir uma Pedagogia Teatral que reforce a possibilidade de esperar, mesmo em contextos adversos.

PALAVRAS-CHAVE:

(Auto)biografia; Educação de Jovens e Adultos; Pedagogia do Teatro; Paulo Freire.

RESUMEN

Esta monografía se desarrolla a partir de la escritura (auto)biográfica, con el propósito de cartografiar mi trayectoria desde la infancia hasta el momento presente, cuando me reconozco como artista-profesora. Articulo experiencias personales, escolares, familiares y artísticas para construir una Pedagogía del Teatro propia, atravesada por dimensiones éticas, estéticas y políticas. En este recorrido, presento mi trabajo como profesora en formación en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), en el Centro Pedagógico de la UFMG, donde describo procesos educativos y creativos que promueven una lectura crítica del mundo. El trabajo adopta una forma híbrida - poética y memorialística - y se entreteje con las enseñanzas de Paulo Freire, con el deseo de construir una Pedagogía Teatral que sostenga la posibilidad de esperar, incluso en contextos adversos.

PALABRAS CLAVE:

(Auto)biografía; Educación de Jóvenes y Adultos; Pedagogía del Teatro; Paulo Freire.

SUMÁRIO

1. INÍCIO - QUEM SOU?	10
Nascente e nascimento - Infância e meninices	10
Água correndo solta ou represália? - Trajetória Escolar	12
Rio Manso - Encontro com o Teatro, encontro com a verdadeira vida	16
2. ONDE ESTOU?	19
Pororoca dentro - Encontro das águas Rio-Mar	19
Água vazando no mar - Mas afinal, por que ser artista-professora?.....	20
★ EJA	22
“Eu nunca mais vou passar fome, professora!”	22
A nós!	26
“Uma obra que é de todos nós e de mais alguém”	28
Cartas para o Mundo	31
O Homem Atrevido	35
“Vou aprender a ler para ensinar meus camaradas”	36
3. PARA ONDE VOU?	42
Maré Cheia- Lugares de se sonhar a vida e o mundo	42
REFERÊNCIAS	45

PRELÚDIO

• Garoa, Garoinha - Aos meus pais primeiramente

Figura 1: Tudo é Rio¹



Fonte: Acervo pessoal, 1999.

Escolho começar pelos meus pais, porque antes *deu* ser, muita gente já foi. Thich Nhat Han² tece um conceito fundamental para compreender a coexistência - onde o que é dentro e o que é fora se misturam. Desta forma, a flor também é o sol, porque a partir do sol que ela existe; assim como a flor é a terra e todo o substrato que a mantém. A vida ordinária existe, porque coexistimos uns com os outros - gentes, terra, bichos, culturas, árvores, rios, mares, montanhas, prédios, como também, essencialmente, quem nos criou. Tive a sorte grande na vida de me construir junto com várias pessoas-ancestrais.

Mãezinha, assim que a chamo em segredo, nasceu em 1974. Viveu entre os “trancos e barrancos”. Cresceu nos arredores do Barreiro, Belo Horizonte, até que a minha avó se mudou para Almenara (Norte de Minas), onde eles passaram muita fome, e por consequência, aos 9 anos, a minha mãe teve uma anemia tão forte que quase a matou. Cresci em sobressaltos ouvindo as histórias da minha família diante desse tempo-espço.

¹ Fragmento retirado do livro *Tudo é rio* (MADEIRA, 2021),

² Thich Nhat Hanh foi um importante mestre Zen vietnamita, ativista dos Direitos Humanos.

Ah! Não posso me esquecer também de um detalhe que entrelaça o ano de nascimento da minha mãe, o gosto musical do meu pai e o meu sonho secreto de juventude. Foi também em 1974 que os “Secos & Molhados” lançaram um álbum que mais tarde, em 2012, durante à adolescência, passaria horas performando ser o Ney Matogrosso. Ia até o quarto dos meus pais, pegava escondido alguns discos para dançar e fingir ser artista. Ali sonhava viver uma juventude “chique, *hippie*, anos 70”, em que lápis de cor virava cigarro e água se transformava em cachaça.

Já paizinho, homem que me deu de herança a curiosidade profunda diante da vida, e (claro!) o seu gosto musical, nasceu em 1969. Neste ano o homem pisava pela primeira vez na lua. Você acredita? Aconteceu também o *Woodstock*, onde cresci vendo o meu pai assistir vídeos do Jimi Hendrix durante o festival e nutrindo o meu sonho de uma juventude *hippie*. Mas, aqui no Brasil, era o marco da Ditadura Militar com os “anos de chumbo” e a eleição indireta do (des)Governo Médici.

Meu pai nasceu e cresceu no Barreiro. Também passava por dificuldade, mas não tanto quanto mãezinha. Era um menino travesso, cheio de peraltagens. Reprovava várias vezes na escola, além de ser expulso por algumas outras. Entretanto é uma das pessoas mais inteligentes que já conheci. Paizinho estudou sozinho sistemas eletrônicos, teoria musical (sabe tocar de forma cabulosa violão, guitarra e contrabaixo) e tudo que você perguntar a ele sobre história ele irá saber. Bom, não sei se tudo... mas com certeza, você terá uma boa conversa sobre conhecimentos gerais de várias partes aleatórias do mundo.

Eu os trago muito fortemente dentro de mim - estão impressos nos meus gestos e no olhar que testemunho o mundo. Depois desta anunciação posso dar partida nas confluências das águas que estão por vir.

1. INÍCIO - QUEM SOU?

• Nascente e nascimento - Infância e meninices

Figura 2 - Tudo é mar³



Fonte: 1999 (Acervo pessoal)

Há um “causo” engraçado diante do meu pré-nascimento - a escolha do meu nome ser Natália. Fazia tempos que os meus pais tentavam eleger algum nome e nada vinha. Mãezinha sugeria: *Fulana*! Meu pai logo respondia: “*Fulana* não! Isso é nome de menina lerda!⁴”. Nome vai e nome vem, até que um dia eles, assistindo TV, viram no letreiro de anúncio do elenco da novela, o nome Natália. Era o nome da atriz Natália do Vale. Eles se entreolharam e disseram: “Vai ser Natália, porque é nome de artista!”. Desde então carrego essa sina, parafraseando o Drummond: “Quando nasci, um anjo torto / Desses que vivem na sombra / Disse: Vai, Natália, ser artista na vida⁵”.

Eduardo Galeano diz que “nascer é uma alegria que dói” (2006, p.95). Nasci no dia 24 de março no ano de 1998. Foi um parto sofrido de uma alegria sem tamanho, afinal fui a primeira filha e a primeira neta.

Cresci lendo as revistinhas em quadrinho ilustradas pela turma do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, através dessas HQ's o governo brasileiro editava para falar sobre segurança alimentar para as crianças de forma lúdica e acessível. A realidade em que cresci é totalmente oposta à que os meus pais enfrentaram durante a infância. Dessa forma, nunca passei fome e nunca estive em uma realidade de vulnerabilidade social.

³ Fragmento retirado do livro *Tudo é rio* (MADEIRA, 2021),

⁴ Caso tenha alguma Fulana que, porventura, leia este texto, perdoe a ignorância de paizinho

⁵ Drummond disse assim originalmente: “Quando nasci, um anjo torto / Desses que vivem na sombra / Disse: Vai, Carlos, ser gauche na vida” (2002, p.58).

Nasci no Barreiro, em Belo Horizonte. Cresci em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Fui uma criança que percorria mundos: brinquei em quintais, corri pelos asfaltos contagenses, imaginei uma pluralidade de existências junto com outras crianças. Era levada, minha vó dizia: “do boró encerado”. Já mãezinha dizia que eu era mexedeira logo na primeira infância, tudo eu queria tocar, conhecer, transpassar... Isso de alguma forma persiste nesta pessoa que estou sendo agora. Toco e sou tocada pelas experiências.

Dos seis até aos quatorze anos, brinquei de enfileirar ursos de pelúcia e bonecas para construir uma sala de aula. Com o tempo a brincadeira foi ficando cada vez mais sofisticada - aprendi que dava para escrever na porta da sala de casa usando canetinha, depois passar um pano úmido para tirar a tinta. Ali eu já tinha um quadro perfeito para ensinar a todos os meus brinquedos os conteúdos que aprendia na escola. Havia também vários livros pequeninos de conhecimentos gerais, passava horas observando e pensando como poderia transformar aqueles assuntos em atividades e provas. Corrigia as atividades dos ursos de pelúcia e das bonecas, com afínco e rigorosidade - “Muito bom!”, “Regular”, “Pode Melhorar!”. Naquela época eu era uma professora bravíssima!

Passava horas criando cenários para as brincadeiras com as miniaturas. Colecionava *kinder ovo*. Você conhece? É um ovo de chocolate que vem com um brinquedo-surpresa bem pequeno dentro. Naquela época custava um real. Escolhia cada detalhe do lugar onde passaria a história dos *kinder ovos*. Inventava que objetos ordinários do dia a dia tinham grandezas espetaculares para a vida de cada personagem. Tesoura era um dragão monstruoso. Já o cofrinho era o ônibus que passava pelos rejuntos do piso e os rejuntos do piso eram as ruas do vilarejo. Passava horas e horas brincando sozinha.

Morávamos (mãezinha, paizinho, minha irmã mais nova e eu) naqueles condomínios “Minha casa, Minha vida”, programa do governo federal para assegurar o acesso à moradia digna para as pessoas de camada popular. Eram dez prédios, com dezesseis apartamentos em cada um. Contabilizando cento e sessenta moradias; no final de toda essa conta, tinha MUITA gente morando nos “predin” (assim chamamos carinhosamente esse lugar). Por consequência, havia também muitas crianças. Brincávamos nas ruas desse condomínio: era queimada, esconde-esconde, pega-pega, polícia e ladrão.

Brinquei de inventar mundos imaginários, principalmente com a Izabella. Adorávamos imaginar que o mundo estava sendo invadido por ET’s GIGANTESCOS, que eram materializados na figura dos prédios onde morávamos. Ficávamos debaixo dos caminhões estacionados pelo pátio, fingindo que ali era a nossa nave espacial. Fazíamos:

tututututu - era o barulho do tiro que ia em direção aos ET's. Balançávamos o corpo de um lado para o outro bruscamente, porque enfrentávamos batalhas cruciais para salvar a humanidade. Então, se hoje há resquícios de vida humana ainda na Terra, com certeza, foi graças às nossas mirabolações.

Havia também a casa da minha vó, no Barreiro, onde ia passar as férias e os finais de semana. Amava ficar no quintal olhando as formigas, balançando na rede e observando o trem passar - beeeem longe - na Serra do Rola Moça. Esperava dar quatro horas da tarde para ficar lá vendo o trem passar d-e-v-a-g-a-r-i-n-h-o, fazendo um barulho que dava para ouvir desse quintal. Lá, o “meu quintal, era maior do que o mundo” (BARROS, 2008, p.45)

Dessas memórias, uma que me toca profundamente, é a minha vó com o sorriso largo e a gargalhada que explodia a orelha, me oferecendo fubá, do pouco que tinha, para eu poder fazer comidinha. Minha mãe falava: “Deixa que a menina invente outra coisa!”. E mesmo assim, a minha vó sempre me dava um cadinho de fubá e café... Eu corria toda melecada, dava para meu tio comer... e não é que ele comia?

Até que um dia, no ano de 2008, minha vó tava murcha, mãezinha também. Elas choravam um choro de mulher contida. Em vários domingos sucessivos durante os encontros familiares, eu brincava de fazer comidinha enquanto elas choravam. Meu tio havia desaparecido. Sem entender muito bem, eu passava a imaginar mundos possíveis para o paradeiro dele. A partir dessa imaginação, criava brincadeiras - e fazia o mesmo com o seu desaparecimento, tentando preencher aqueles buracos deixados pela incompreensão.

(Pausa para olhar atentamente se há ET's tentando invadir a Terra ou se alguma pessoa que você ama desapareceu.)

• Água correndo solta ou represália? - Trajetória Escolar

A água corre livre em lugares propícios, mas se houver alguma barreira ela pode ficar estacionada ou romper com tremenda fúria os entraves do seu caminho. Falar sobre a minha trajetória escolar é perpassar por essa água correndo solta, mas também sobre o sobressalto da fúria.

É imprescindível, voltar a falar dos meus pais, não só porque eles foram a minha primeira instância do processo de socialização, mas também contribuíram e sensibilizaram a minha forma de agir, pensar e sentir. Logo, é coerente pensar que não sou um fruto alheio, ensimesmada na minha própria construção, mas sim, um fruto de influência de memórias de

várias outras pessoas que me antecederam e reverberam sobre mim. Afinal, antes *deu* ser, muita gente já foi.

Ao lembrar o meu processo de escolarização, nunca havia concluído que, às vezes, os meus pais não podiam me auxiliar nas minhas dúvidas, porque eles não tinham frequentado a escola o suficiente. A trajetória escolar deles foi acidentada e cheia de evasões. Há pouco tempo, perguntei ao meu pai porquê a educação era importante e ele respondeu: "Apenas para aprender a ler e escrever". Aparentemente a escola não era um espaço que o agradava, porque ele fugia para ficar na rua brincando. Em um determinado momento ele foi atrás do sonho de ser músico, até passou na prova da escola de música do *Bituca*; no entanto, desde muito cedo precisou optar por trabalhar ou estudar. Como a escola parecia vazia de significado, somando-se o fato que precisava urgentemente ajudar em casa... ele acabou saindo da escola.

Mãezinha entrou na escola com mais idade. Foi alfabetizada tardiamente, em parâmetro com as outras crianças da sua turma e isso lhe causava um enorme constrangimento. Infelizmente, também lhe aconteceram inúmeras reprovações durante o ginásio. Quando adolescente, teve que muito cedo trabalhar em "casa de família" (termo que ela frequentemente usa), para ajudar financeiramente no seu lar, tendo assim que trabalhar e estudar. Também perguntei a ela o porquê da educação ser importante; ela respondeu que "A escola é muito importante para a criança... para todo mundo. Sem estudo não tem futuro nenhum." Minha mãe foi a pessoa que mais colaborou para que eu chegasse onde estou. Ela economizou bastante para que eu pudesse fazer cursos preparatórios para estudar em uma escola técnica.

Fui uma criança inquieta, curiosa e falante, nos termos escolares: indisciplinada. Quando estava na 4ª série ocorreu um episódio significativo. Estávamos na sala de aula, todos conversavam muito, quando a professora gritou diante da classe inteira: "Está vendo a Kézia? Ela será uma grande doutora. Você não, Natália! Você limpará o chão do banheiro do Shopping que a Kézia irá pisar." A Kézia era uma excelente aluna nos moldes escolares, eu não.

No decorrer do Ensino Fundamental II, houve uma virada que agora, conscientemente, acredito ter sido pela mudança de escola. Depois que conheci a "Escola Municipal Eli Horta Costa", aprendi a relacionar o saber com as vivências e as experiências do mundo real. Nesta escola havia a aposta em mobilizar os processos epistêmicos, a fim de pensar e refletir sobre a vida cotidiana. Frequentar a escola virou sinônimo de me apropriar dos saberes, não mais uma via de regras e obrigações a serem cumpridas. Certamente um

bom grupo de docentes também facilitou essa transformação. A professora de português, Adriana Cristina, me ensinou poesia (especialmente Drummond) e foi nas palavras que encontrei encantamento pela literatura.

Aos 14 anos, todas as moedinhas que recebia dos meus pais, guardava para conseguir comprar livros. Essa paixão pelas palavras perdura até hoje, me transformei em uma verdadeira rata de biblioteca. A professora Adriana mudou significativamente a minha vida através da literatura. Sou imensamente grata.

Voltando ao curso do rio... Ops! Voltando ao curso da história, os professores de História e Geografia me ensinaram a importância de desenvolver uma análise crítica da sociedade em que vivemos. O conhecimento passou então a ser integrado com o meu mundo interno e externo. Foi neste momento que comecei a chorar diante das aulas, encabulada com os processos perversos das Guerras e Ditaduras espalhadas pelo mundo. Creio que a mobilização entre o mundo interno e externo foi tanta que, por consequência, comecei a me empenhar mais na escola e, logo mais, a ocupar um lugar de prestígio entre os professores e a receber o título de melhor aluna da classe. Hoje em dia questiono esse lugar da escola de homenagear apenas os melhores alunos respaldados em seus méritos escolares, méritos limitados, restritos às notas e ao bom comportamento.

Há fissuras também, nem tudo são flores... Entre 2009 até 2013, quando cursei o Fundamental II, passei por momentos que não sei ainda nomear, apenas tatear. Havia listas das “meninas mais feias da sala” nas quais meu nome sempre estava posto. Estava começando o adolescer, os peitos cresciam absurdamente, o rosto enchia de espinhas, o meu cabelo era “ruim” demais, logo precisava escová-lo e pranchá-lo. Embora eu seja uma pessoa branca, lembro-me de diversas vezes colocar um pregador de roupa no nariz, para ver se assim ele afinava. Todo esse esforço mostrava que queria um dia deixar de ocupar essa lista. Observava as meninas ditas como bonitas e queria imitá-las; todas elas tinham características opostas à minha figura.

Me tornei “roqueira, roqueirinha, roqueirona”. Logo, usava só roupas pretas e tínhamos um grupo de “roqueiros, roqueirinhos e roqueirões” da escola. Era a salvação! Foi a forma que lidei, junto com outras pessoas, “para conviver bonito com a minha esquisitice” (ALELUIA, 2017). Durante as tardes, enquanto os meus pais trabalhavam, a casa era inteiramente livre para eu brincar de performar uma outra juventude que eu queria viver. Aquela juventude “chique, *hippie*, anos 70” que mencionei anteriormente. Brincava de ser artista, colocava música alta, sonhava ser o Ney Matogrosso, assistia filmes e imitava as atrizes, beijava a porta fingindo que tudo era cinema!

No Ensino Médio, estudei primeiramente na escola técnica do Município de Contagem (FUNEC), lá cursava o técnico em Química. Novamente tive problemas com disciplina e falta de interesse em estudar. Levava suspensão por falta de um bom comportamento e por não cumprir as regras escolares. Neste período o meu pai desenvolveu um problema sério de saúde, devido a exploração do seu trabalho como metalúrgico em uma transnacional chamada *Vallourec Mannesmann*. Por consequência, ele se tornou absurdamente violento. Acho que não sabia organizar o próprio sofrimento e, assim, inúmeras vezes acabava me batendo. Deixava vários hematomas pelo meu corpo; quando eu ia à escola, meus amigos ficavam profundamente preocupados. Meu pai dizia que eu era rebelde, respondona. Essa época foi bem caótica internamente. Passei pelo adolescer com muita tristeza e raiva.

Além de ter toda essa raiva e tristeza diante da vida privada, havia ainda um outro olhar diante do descobrimento do mundo. Comecei a me interessar cada vez mais (e mais) por História e Geopolítica. Por consequência, a raiva e a tristeza que moravam dentro, reverberaram para fora, interligando as realidades.

Assim vivia naquela intensidade de me misturar entre o dentro-fora-dentro, aos 15 anos de idade. Reparava nas histórias que ouvia dos meus pais de suas vidas antigas, a realidade que observava no bairro onde cresci em Contagem (Vila Beneves), a História Oficial capturada pelos livros e filmes... Tudo submergiu com muita angústia.

Mas felizmente houve um lampejo, um rompante. Em 2014 assisti o filme “Léo e Bia” de Oswaldo Montenegro (2010), que retrata a vida de uma trupe de Teatro na época da Ditadura Militar brasileira. Os atores organizavam toda a sua angústia de viver naquele tempo no Brasil, através da linguagem teatral. Essa experiência me dilacerou tanto, que foi ali que decidi que queria fazer teatro: “Então é isso, vou ser atriz! Vou seguir a sina que foi me dada desde o nascimento!”.

Comecei a sonhar que o Teatro mudaria o mundo, que através da arte conseguiríamos revolucionar todo o sistema social e *esperançar* uma vida melhor para todos. Achava que era possível virar a esquina e mudar tudo. Virar o globo de “pernas para o ar”. Remexer, entortar, torcer... Assim haveria dignidade para todos os povos.

Foi bom ter vivido essa ingenuidade, porque hoje a esperança ainda me tece fortemente. Há muito desta adolescente por aqui, mas atualmente a linha que se borda o meu dentro-fora-dentro é outra.

• Rio Manso - Encontro com o Teatro, encontro com a verdadeira vida

Depois que vi “Léo e Bia” (2010) comecei a matar as aulas do Ensino Médio, com a formação técnica em química, para fazer teatro no Centro Cultural de Contagem. Consequentemente, comecei a ir muito mal no ensino técnico, resultando em minha saída para um Ensino Médio regular. No final do segundo ano do Ensino Médio, em um desses encontros de “roqueiros, roqueirinhos e roqueirões” sediados na praça da Jabuticaba (no centro de Contagem), conversei com um menino e disse (com os olhos incandescentes de tanto brilhar) sobre essa nova paixão - o Teatro. Ele então logo perguntou: “Você conhece o Valores de Minas?”, rapidamente disse que não e perguntei o que era⁶.

Não deu outra, assim que cheguei em casa, corri para o computador e procurei saber sobre o processo seletivo para o próximo ano. Fiz a prova no ano seguinte e passei. Neste mesmo ano, em 2015, o Brasil começou a passar por uma crise política tremenda, com milhões de pessoas indo às ruas pedindo o fim do governo da presidenta eleita democraticamente Dilma Rousseff.

No meu mundo particular, felizmente, o Teatro foi dando forma de dar latência para contornar esse espaço de não-saber, diante da fúria e da tristeza que eu sentia diante das violências do mundo e as violências de casa. No Valores de Minas, durante as aulas de Teatro, lembro que construí uma cena para dizer sobre esses atravessamentos: a professora Manu pediu que construíssemos um “Manifesto para o Mundo”. Lembro que criei uma cena que mostrava a relação de um pai com sua filha: o pai batia na menina e ela dizia:

Eu sempre arrotei opressões de um Stalin ou de um suicida. Porque para mim é 8 ou 80 - ou se está vivo ou se está morto. E nesse caso me coloco no inferno do mundo dizendo que não posso ver o menino magrela do morro pedindo esmola pra rato sujo no congresso. Nem muito menos ver a minha vagina sangrar normalmente, enquanto a palestina entra em colapso por uma virgindade mórbida. Algo explode dentro da minha alma. (Anotações retiradas do “Diários de Vivências e Experimentações Artísticas”, Acervo Pessoal, 2015)

⁶ Você que me lê, sabe o que foi o programa Valores de Minas? Era um programa do Governo de Minas de Gerais que oferecia aulas gratuitas, além da passagem e alimentação. Aprendíamos várias linguagens artísticas - artes visuais, dança, circo, música e teatro. Embora tínhamos que eleger qual delas gostaríamos de estudar.



Figura 3, 4 e 5: “Diário de Vivências” do Valores de Minas, 2015. Intervenção sobre jornal, desenho e colagem. Fonte: Acervo Pessoal.

Em 2015 havia aqueles abalos sísmicos de milhões de pessoas nas ruas pedindo o afastamento da presidenta Dilma Rousseff. No dia 31 de agosto de 2016, aconteceu o seu *impeachment*. O dentro-fora-dentro se mistura de tal forma que, quando Michel Temer (o vice-presidente e o seu sucessor) assumiu o poder, realizou a reforma da Previdência Social com a PEC 287/2016. Meu pai, até então, estava afastado do trabalho por causa da intensa

dor na coluna, consequência de anos na metalurgia — carregando muito peso e, por vezes, permanecendo horas na mesma posição. Quando a PEC foi aprovada, ele foi obrigado a retornar ao emprego. Assim que voltou, acabou sendo demitido de forma injusta. O resultado disso foi que ele se tornou ainda mais violento.

A arte para mim era um subterfúgio, passava horas lendo ou escutando música. Ficava trancada no quarto, vislumbrando uma juventude “chique, *hippie*, anos 70”, em que lápis de cor era cigarro e água era cachaça. Aos poucos fui encontrando maneiras de transpor aquelas violências através de cartas e pequenos lembrete que eram escritas a ele:

[...] as estrelas nascem do desejo de alguém não querer mais enxergar a vida. me rompo, viro cega de mim e todos. ninguém cabe num piscar de olhos, você tira as palavras do saco escrotal do mundo e eu grito. grito na consistência de não me caber. quebrei o cordão umbilical que nos liga. tudo vem se tornando um abismo de solidão. inexistência. sonho;

[...] sou cega duma virtude poética - pertencimento seu. tudo passa feito um tiro pela iris. te vejo. paro. você me mata dentro de você.

arroto um café passado. fumo um cigarro. engulo a fumaça, na tentativa de ser vapor.

tabacaria: à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

o mundo é feito de uma substância trágica,

nos amo⁷, mas te odeio. (“Diário de Vivências”, 2016)

Voltando ao curso desse Rio Manso (mas não tão manso assim), depois que me formei no Valores de Minas (2015), terminei a minha formação livre em Teatro no Arena da Cultura (2016-2019). Estudar nessa escola foi muito significativo para a construção de um saber estético, assim como também para a construção de uma ética para se trabalhar em grupo. Aprendi MUITO com os professores que ali tive. Tínhamos seminários sobre a História Mundial do Teatro e o professor João⁸ pedia para que, a cada semana, lêssemos uma dramaturgia teatral. A maior parte da turma lia. A turma era composta de gente de várias idades, classes sociais, raças, credos. Isso foi muito rico para minha formação enquanto atriz e agora como professora.

Uma vez, diante daquelas violências em casa, fiquei devastada por dentro e parei de ir na aula. O professor João, muito cuidadoso e preocupado, mas também rigoroso com o trabalho teatral disse assim: “O que está acontecendo? Você está faltando demais. A sua presença é muito fundamental para o nosso trabalho. Não falte, porque isso é um trabalho

⁷ Sei que pode parecer estranho dizer “nos amo”, mas decidi deixar em consideração a adolescente que fui.

⁸ João Valadares é mestre em teatro pela UFMG e um dos fundadores da “Preqaria Cia de Teatro” onde atua, dirige e escreve desde 2006. É professor da Escola Livre de Artes de BH (Arena da Cultura) desde 2014.

coletivo... Quando você falta, quando algum de vocês falta, é uma parte valiosa nossa que foi embora. Compartilhe, se quiser, com a gente a sua dor.” Nessa época nos víamos quatro vezes por semana, durante três horas por dia, vivíamos processos criativos intensos, tínhamos conquistado uma intimidade coletiva. A afetividade e a rigorosidade na fala dele me marcou tanto, que me ajudou a construir um lugar ético fundamental para estar em cena e para estar em grupos de aprendizados. A partir daí comecei a organizar e a contornar os lugares da dor através do Teatro:

Artaud aspira a cura do corpo. Para ele, o artista é o médico da cultura. Propõe a saída corporal para a alma. Um corpo de reconstrução e plenitude, infinito, inclassificável e desmedido. Por que não caminhar com a cabeça? Ver com a pele? Respirar pelo ventre? Substituir a interpretação pela experimentação. O corpo passa a ser veículo de transformação. A ação transformadora do corpo é o estado de consciência de si. A partir do momento que o corpo está concentrado e aberto para reconstruir a si mesmo, por meio das experimentações. Ele cria e recria, excede, viola para criações profundas. (Anotações retiradas do “Diários de Vivências do ARENA”, Acervo Pessoal, 2016.)

(Pausa para experimentar caminhar com a cabeça, ver com a pele e respirar pelo ventre.)

2. ONDE ESTOU?

• Pororoca dentro - Encontro das águas Rio-Mar

Quando tinha 19 anos me inscrevi (“como quem não quer nada”) no ENEM. Estava terminando o curso livre de teatro no Arena da Cultura e trabalhava como jovem aprendiz numa fábrica de tecidos. Detestava ficar dobrando e dobrando e dobrando roupa o dia inteiro – minha função. Pensava, particularmente, que a vida poderia ser mais do que aquele trabalho maquinário. Mas não sabia exatamente *como* a vida poderia ser mais do que aquilo.

Agora, lembro-me de não ter muita ânsia de cursar alguma faculdade. Até cogitei fazer Artes Visuais em Pelotas, no Rio Grande Sul. Tinha nota pelo SISU para passar lá, quando fiz o ENEM pela primeira vez no Ensino Médio. Mas os meus pais não deixaram, ou, em outras linhas, não tinham como me ajudar. Então fiquei nesse limbo – “não chove, nem molha”.

Fiz o ENEM em 2019, apostando em formas de *como* a vida poderia ser mais do que repetidamente dobrar roupas. Fiz sem ter muita perspectiva de que passaria, tanto que,

quando meu pai me deixou no local da prova, disse: “Tem certeza, Natália? Nem vi você estudando, nem nada.”. Desceu com certa tristeza essa afirmação, mas era verdade. Fiz a prova, mas desta vez, durante a escolha do SISU, optei por Teatro - e fui aprovada na primeira etapa da UFMG. Depois, realizei a prova de habilidades específicas e, novamente, passei. Todos ficaram incrédulos e, ao mesmo tempo, muito orgulhosos. Afinal, ninguém na nossa família havia cursado o ensino superior.

Era algo inimaginável pelos meus pais – e até para a criança que fui. Se Parsons⁹ tivesse me observado durante o Ensino Fundamental I, diria que provavelmente não entraria na Universidade. Para o autor, o maior critério para se chegar nela é o aproveitamento escolar feito durante o Ensino Fundamental (PARSONS, 1968, p.49). Me sentia como a flor amarela que Drummond diz ter nascido do asfalto. Para ter chegado aqui furei “o tédio, o nojo e o ódio” (1945, p.11) de muitas circunstâncias. Nenhum dos meus amigos de infância ou adolescência passaram na UFMG.

Mas, estudar em uma Universidade Federal para quem é de camada popular não se dá de uma forma romântica ou meritocrata; frequentemente senti a sensação de não-pertencimento. Era uma encruzilhada “entre tapas e beijos, é ódio, é desejo; é sonho, é ternura” (LEONARDO, 1989). Meu corpo não estava preparado e moldado, de acordo com o que posso chamar de “parafernália acadêmica”. Aos poucos, compreendi que era necessária uma nova alfabetização. Como estar em um lugar, que ninguém conhecido já esteve? Era pisar num absoluto mistério. Assim, como estudante de escola pública, escrever era uma tortura. Mas agora, sinto que estou começando a nadar nas enxurradas das palavras que escolho para falar esses dizeres.

(Pausa para ouvir “Tapas e Beijos” do Leandro e Leonardo.)

• Água vazando no mar - Mas afinal, por que ser artista-professora?

Os fragmentos da vida dos meus pais, as minhas meninices e as estripulias da adolescência, assim como os primeiros encontros com o Teatro, constituíram uma isca para chegarmos até aqui, ao coração pulsante dessas palavras: “Por que ser artista-professora de Teatro?” e especialmente “Como desejo ser artista-professora de Teatro?”.

Às vezes, tenho comigo uma sensação de imensa alegria, porque escolhi como profissão as minhas brincadeiras favoritas de infância - ser professora e ser artista (Ney

⁹ Talcott Parsons (1902–1979), sociólogo estadunidense, referência na sociologia da educação e na teoria funcionalista.

Matogrosso que se cuide!). Em um encontro de formação do “**BROTA** - Juventude, Educação, Cultura”, projeto de extensão da UFMG que atualmente faço parte, as professoras Patrícia e Rosvita (ambas das Artes Visuais), nos provocaram a pensar quais foram as nossas primeiras experiências estéticas. Dessa mobilização escrevi uma carta para os meus amigos de infância, que partilho aqui:

Belo Horizonte, 20 de agosto de 2025.

Creio que as minhas primeiras experiências estéticas foram as nossas brincadeiras mais profundas. O juntar de mato para jogar na casinha do pátio da escola e fazer feitiço. Passar horas performando “Rouge” durante a infância. Depois horas performando “Secos & Molhados” durante a adolescência (meu grande sonho era ser o Ney Matogrosso).

Brincar de “Guerra dos Mundos” com você, Izabella, certamente me preparou para viver o apocalipse de agora. Passar tardes a fio, brincando de escolinha, tecendo formas de ser professora com todos vocês, foi um ensaio para os dias de hoje [...] (“Diário de Vivências do **BROTA**”, 2025)

Observo, assim como Girardello (2011, p.77), o quanto as experiências imaginativas foram vitais para os caminhos do meu processo integral de conhecimento do mundo, especialmente para os aspectos estéticos. Algo tão significativo que elegi como profissão que irá me sustentar e ocupar por várias horas da labuta cotidiana.

Elegi ser professora, justamente por acreditar que é uma forma de intervir no mundo: no mundo de fora e no mundo de dentro.

Escolhi ser artista, porque essa foi a maneira mais salutar que encontrei para contornar todas as represálias e sobressaltos do caminho.

Logo em seguida, resolvi juntar as duas coisas - artista e professora - pois queria facilitar espaços durante as aulas “em que os seres humanos se encontrassem para refletir sobre a sua realidade, como a fazem e refazem” (FREIRE, 2007, p. 114). Entreteci esses desejos e as palavras se integraram em um estado simbiótico, transformando-se em ARTISTA-PROFESSORA. Desde então, ando maturando e praticando essa ideia.

Em 2025, cursei uma disciplina com a Marina Machado¹⁰, durante a qual ela propunha um olhar fenomenológico para a criança, além de apontar a importância dos processos imaginativos. Sendo a imaginação “a capacidade de olhar através das janelas do real” (2011, p.77). Durante aquela disciplina escrevi um relatório que partilha um pouco desse lugar da

¹⁰ Marina Machado é professora, escritora e pesquisadora das interações entre infância e cena contemporânea. iniciou sua trajetória no teatro de forma empírica, como atriz no Teatro Ventoforte e professora na Escola Municipal de Iniciação Artística de São Paulo, nas décadas de 1980 e 1990. Formou em Psicologia, fez o Mestrado em Arte e o Doutorado em Psicologia da Educação. Atualmente é professora da UFMG.

imaginação como forma de contornar a dor. Desse modo, trouxe como referência o romance ficcional “Expedição ao Inverno” (2011) de Aharon Appelfeld¹¹, em que o autor traça essa essencialidade, pois conta a narrativa de uma criança gaga durante a Segunda Guerra Mundial. Por ser gaga sofria muita violência por parte do pai, assim como também da vizinhança. Mas o mundo interno dessa criança era rico com o brincar imaginativo; ao adentrar em si mesmo, ele brincava e compunha outras realidades possíveis em torno da sua própria existência. Quando, enfim, acontece a invasão nazista, ele, já um pouco mais velho, precisa servir ao exército para sobreviver a si mesmo e aos seus companheiros. Por possuir uma força interior imaginativa enorme (exercitada desde à infância), acaba traçando planos sublimes de fuga diante das forças alemãs, e esse gesto faz dele o soldado favorito, dentre todos os outros, perante o Comandante.

Creio que as questões humanas, especialmente as entrelaçadas de experiências em guerras, são estruturas complexas e contraditórias, nas quais (infelizmente) não existe uma fácil resolução. Lanço e aposto neste olhar brincante e imaginativo, como uma espécie de esperar uma vivência coletiva com menos sofrimento. Essa aposta é embasada na construção de uma ética universal, bem como aponta Paulo Freire (1996, p.19): “(...) estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana.”

Assim, lanço a seguinte pergunta - A minha intervenção no mundo, neste caso, enquanto artista-professoras, seria propiciar experiências imaginativas, performativas? Tentarei investigar a resposta a seguir, a partir da Pedagogia do Teatro em que acredito e faço a aposta. Sobretudo diante do programa de Extensão em que estou vinculada com o público da EJA (Educação de Jovens e Adultos), na qual são pessoas que passaram ou estão imersas em uma realidade de vulnerabilidade social.

★ EJA

Peço licença para contar essas histórias, porque não dizem mais respeito (tão somente) a mim, mas um bocado de gente. Agora passa a ser um encontro de várias águas, de várias vidas. Bordo essas histórias dentro da sala de aula, através de um diálogo que Deleuze e Guattari apontam sobre o processo da escrita: “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (2011, p. 13).

¹¹ Aharon Appelfeld (1932–2018), escritor judeu nascido na atual Ucrânia, conhecido por obras que abordam memória, infância e trauma no contexto do Holocausto.

Revisito os “Diários de Vivências” que escrevi diante dos quatros semestres consecutivos que dei aula na EJA do Centro Pedagógico da UFMG. Creio que alguns instantes ficaram perdidos no bojo da memória, embora, tantos outros, saltaram lembranças do verdadeiro encontro que conquistamos juntos.

• **“Eu nunca mais vou passar fome, professora!”**

O Centro Pedagógico da UFMG é uma escola pública de Ensino Fundamental, que atua no campo da pesquisa e experimentação na educação. O CP, assim que o chamamos carinhosamente, possui vários programas de bolsa de extensão para os estudantes das licenciaturas da UFMG. Atuar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma dessas bolsas. É neste contexto que surgem todas as histórias a seguir.

O meu primeiro dia de aula foi um dia após o meu aniversário, 25 de março de 2024. O que signifiquei intimamente como um presente misterioso da vida. Nesta aula desejei que os estudantes se apresentassem, circunstância típica de primeiro de aula. Havia algumas perguntas que guiaram o caminho da resposta: “Quem sou eu?”; “De onde vim?” e “Um fato marcante da minha vida”. Um educando em específico disse: “Nunca me aconteceu nada marcante, pois a minha vida é só trabalhar.” *Nu!* Isso me acertou como uma pedrada, entretanto, de certo modo essa afirmativa estava preparando o terreno para que eu pudesse entender o público da EJA.

Ouvindo as trajetórias de vida desses estudantes naquele dia, reparei que o fato deles terem saído da escola, estava intimamente interligado com as situações de vulnerabilidade social ocorridas desde à infância. Sérgio Haddad (2017, p.25) aponta que, existe a indivisibilidade e a interdependência entre os Direitos Humanos¹², onde há a violação de algum deles, realiza-se a violação em cadeia de tantos outros. Da mesma forma, assegurar a realização plena do direito à educação ajuda a realizar em cadeia vários outros Direitos Humanos básicos, como o acesso ao trabalho digno, por exemplo.

Freire vê a educação como uma “manifestação exclusivamente humana”: para ele, o ser humano se diferencia dos outros animais por reconhecer-se inacabado (1987, p. 75). É esta busca pelo devir (do vir a ser), que torna os processos educacionais fundamentais às transformações. À vista disso, existe uma educação informal, aquela que aprendemos diante

¹² Tais como - “ter direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis” (UNICEF, 2025).

da vida cotidiana - na rua, com a família e os vizinhos. Assim como também existe a escolarização formal – e o direito à escola. Desta forma, negar o direito à escolarização formal é, em alguma medida, negar o direito à humanização do ser humano. Pois, ao estar nesse processo inacabado do “vir a ser” (onde a escola é essencial), é que o ser humano vai “tomando consciência dos seus limites e da sua liberdade, componente essencial da conquista da sua cidadania” (HADDAD, 2017, p.27).

Isso me lembra uma aula específica, quando no terceiro dia tentei, ao máximo, desnaturalizar a ideia que estamos perdendo tempo. Procurei estar presente inteiramente com eles; parece simples, mas acreditem: não é. Quando encontrei a Lucinéia¹³, uma educanda da EJA, no corredor, disse a ela para comunicar a turma que não descessem para a sala de Teatro, pois teríamos uma surpresa. Ela amou a ideia e disse que iria contar com um tom de ultra-mistério. Assim ela fez mesmo. Quando cheguei no corredor da sala, a escutei na maciota contagiando todos com a sua brincadeira de dar recado.

Caminhamos juntos até um espaço muito aconchegante, com cadeiras acolchoadas, ar condicionado e um retro-projetor. Por vezes, perdíamos o foco, então propus que andássemos com os passos pequeninos e rapidinhos. Lucinéia e Irene logo entraram na brincadeira. Aos poucos os outros alunos entraram também. Inclusive o Seu Damião, que vinha sorrindo com seus passinhos, parecendo que naquele instante ele andava de mãos dadas com o menino que um já foi.

Quando chegamos na sala, ela estava preparada para eles. As cadeiras acolchoadas postas em linha reta de frente ao palco, uma cadeira disposta no centro, por fim a foto de Carolina Maria de Jesus projetada em destaque.

¹³ Todos os nomes que virão a seguir são inventados, a fim de preservar a privacidade dos educandos e das educandas.

Figura 6 - Maria Carolina de Jesus



Autor: Audálio Dantas¹⁴

Perguntei a eles - “Qual a função da Arte?”¹⁵ Lucinéia disse: “expressar as nossas dores e alegria”, Seu Damião completou com “entender as nossas angústias”. Em seguida, fiz uma leitura dramática do trecho do “Quarto de despejo”:

13 de Maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. ...Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada [...] (JESUS, 2003, p. 30)

Quando terminei a leitura, passei um vídeo sobre uma montagem teatral do “Quarto de despejo”. Assistimos atentamente. Terminado este momento de apreciação, perguntei o que saltou dos olhos deles diante daquela obra. Lucinéia contou uma história com os olhos cheios de água: certa vez, seu filho ficou lambendo a vitrine de uma padaria, querendo comer um biscoito de maizena e ela não tinha um “tustão” para comprar. Ela disse que seu coração despedaçou, e que naquele instante, ela faria de tudo para nunca mais sentir fome. Todos

¹⁴ Fonte: Fonte: AGÊNCIA BRASIL. *Brasil lembra centenário de escritora que definiu favela como quarto de despejo*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/brasil-lembra-centenario-de-escritora-que-definiu-favela-como-quarto-de>. Acesso em: 25 nov. 2025.

¹⁵ Atualmente revendo o percurso, compreendo que essa pergunta é complicada, assim como não necessariamente há uma resposta a ser chegada. Mas, quando optei por esse caminho estava alicerçada em compreender o que eles sabiam sobre a disciplina de Arte, sobretudo o Teatro.

ficamos impressionados com o depoimento. Falamos sobre a importância da Arte de ser refúgio, mas também uma forma de criticar o mundo e a realidade que vivemos.

Ela olhou nos meus olhos dizendo “Eu nunca mais vou passar fome, professora!”. Era (em alguma medida) uma reflexão sobre o reconhecimento da sua cidadania. Naquele momento, me emocionei também, meus olhos encheram d’água. Vi a preciosidade que pode ser fruída pela linguagem teatral. Boal (1974) considera que o teatro não é um espaço neutro: é sempre uma ação política. Eleger a Carolina Marina de Jesus foi uma escolha. Assim como Boal, Freire considera que também não existe neutralidade na educação:

Toda prática educativa implica, explicitamente ou não, uma concepção de ser humano e de sociedade. Proclamar-se neutro é uma maneira de ocultar um compromisso com a ordem existente, conservando relações de poder e impedindo que os educandos percebam sua capacidade de transformar o mundo. (FREIRE, 1967, p. 102)

• A nós!

Há um conto budista que narra a jornada de um homem que quer aprender com um sábio Mestre. Ele vai até a casa desse senhor e diz: “Mestre, quero muito aprender com você!”. E desembola a falar. De repente, o Mestre que estava para servir o chá para este homem, deixa com que a bebida vaze da xícara. O homem espetando pergunta - “Mas logo o senhor, Mestre Budista, não está praticando a plena atenção?”. O Mestre então diz - “Você está cheio, em um recipiente cheio não cabe mais nada.”

Foi como me senti na aula que pretendo agora partilhar. Me sentia cheia e sem caber mais nada. Os educandos e as educandas estavam totalmente dispersos, me interrompiam toda hora. Naquele momento compreendi que precisava encontrar “o caminho do meio” - entre não ser muito rígida, mas também saber me colocar quando a aula se apresentar numa “falazada” na qual ninguém se escuta. Saí da sala de aula contando os minutos faltando para não estar ali.

Nesse dia fui para casa com uma “pulga atrás da orelha”. Eram meus questionamentos: 1. Como me colocar sem ser ríspida e faltar com respeito a eles? 2. Como não ser como aquela professora que disse: “Está vendo a Kézia? Ela será uma grande doutora. Você não, Natália! Você limpará o chão do banheiro do shopping que a Kézia irá pisar.” Lembram? Passei alguns dias contemplando esse mal-estar... Até que me veio um lampejo, por meio das palavras de bell hooks quando ela se deparou com o Mestre Zen Thich Nhat Hanh:

Enquanto Freire se ocupa sobretudo da mente, Thich Nhat Hanh apresenta uma maneira de pensar sobre a pedagogia que põe em evidência a integridade, uma união de mente, corpo e espírito [...] buscando não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo. (2013, 2013).

SUMPIMPA! Fazia oito anos que eu praticava a meditação metodicamente todos os dias. Todo esse esforço havia melhorado o meu conhecimento acerca de como viver no mundo. Logo, pensei que a meditação antes das aulas poderia ser uma forma de buscar uma outra maneira de nos relacionar. Então, fui ver se como isso aconteceria na prática.

Além disso, nesta aula queria retornar de alguma forma, o dizer que tanto me impactou: “Eu nunca mais vou passar fome, professora!”. Resolvi fazer um instante performativo-afetivo. Mas, antes deste momento acontecer, muita água rolou pelo riacho...

Cheguei uma hora mais cedo para preparar um chá para eles. contei quantos alunos estavam presentes para separar a quantidade das xícaras. Preparei o chá com muito desprendimento, sem a preocupação de acertar ou ser perfeita; deixei-me guiar pela intuição e pelo desapego. Foi um aprendizado pessoal, muito próximo das práticas educativas. Quando, enfim, terminei, meditei para abrir espaço em mim e acolher as outras pessoas - suas histórias, memórias e escutas. Quando a aula enfim começou, propus um instante de meditação. Realmente começamos a aula de maneira mais calma. Em seguida, disse sobre como me senti na aula passada, o desconforto com a dispersão; assim, joguei aberto também sobre o quanto estava exausta. Escrevi no quadro:

Ensinar e aprender exige disciplina e amorosidade.

Ensinar e aprender exige rigorosidade e afetividade.

Comentei que, “tudo é uma justa balança, que hora ou outra se desequilibra, mas é importante botar reparo na justa medida. Se eu for muito amorosa, vocês vão montar em cima de mim, assim como se eu for muito disciplinadora, vocês vão me detestar”. Fui muito bem recebida nesse “chorar das pitangas” com os alunos. Senti que criamos um pacto de confiança.

Em seguida, fizemos o “Jogo do Espelho” do Augusto Boal, um exercício que consiste em que duas pessoas se posicionem frente a frente, uma imita os movimentos da outra como se fosse um espelho, desenvolvendo atenção, sensibilidade e coordenação. Eles se

saíram super bem. Até improvisaram danças através desse jogo. Depois, pedi para construírem uma cena do cotidiano tendo explícito para cada um “o lugar, quem e o que faziam”. Ensinaamentos advindos da prática de Viola Spolin (1979; 2001).

Deixei-os sozinhos por dez minutos enquanto planejavam. Eles fizeram um ônibus, cada um tinha uma função detalhada: Raimundo era pulador de roleta; Seu Oliveira vendedor de bala; Amélia a pessoa que mexe incansavelmente no celular; Lucinéia a grávida. Seu Damião não consegui identificar qual personagem ele fazia, pois ele sustentava um olhar ora para cena, ora para mim; Irene era a Funkeira. Quando acabaram a cena foi uma festa, todos riam, achavam graça do personagem um do outro. Instaurou-se na sala um clima de diversão e liberdade.

Spolin (1979) diz que todas as pessoas são capazes de atuar e improvisar. O educando, ao improvisar, depara-se com a espontaneidade. Isso acontece quando nos colocamos frente a frente com a realidade da criação cênica, exploramos e agimos em relação a ela. Desta forma, o exercício teatral pode tornar-se um momento de liberdade pessoal. Para a teatróloga acontece, em quem inventa e faz a cena, uma espécie de descanso do cotidiano - brincar de ser alguém que nunca foi, fazer movimentos extraordinários (fora do comum), quiçá experimentar caminhar com a cabeça, ver com a pele e respirar pelo ventre.

No final da aula, instaurei o momento performativo dispondo com muita calma (quase em lentidão) a mesa para o chá, as cadeiras, estendi a toalha para cobrir a mesa. Depois coloquei a garrafa de chá, as xícaras e os “biscoitos maria”. Relembrei a história da Lucinéia, relembrei a história dos meus pais que também passaram fome, relembrei a Carolina Maria de Jesus. Disse a eles que gostaria de viver para ver um mundo em que ninguém passasse fome. Relembrei dos dizeres do Boal e do Freire, sobre uma Pedagogia do Teatro que estivesse engajada com a nossa vida política, mas também com a nossa vida íntima.

Convidei a todos para sentar-se, estávamos muito emocionados, Lucinéia com os olhos cheios de água. Fiz questão de servi-los, em memória ao conto budista. Mas desta vez todos nós estávamos disponíveis para o encontro. Na hora de comer foi muito gracioso, pois os educandos performaram “a hora do chá”, imitando os ingleses; riam muito. No final, brindamos: “A nós”.

• “Uma obra que é de todos nós e de mais alguém”

Neste instante do percurso, resolvi retornar aos aprendizados que tive no Valores de Minas, na construção de “Carta Manifesto para o Mundo”. Só que para a EJA pedi que as

educandas¹⁶ escrevessem “Cartas para o Mundo”. Tinha como objetivo que cada estudante escrevesse cartas para o mundo através desta pergunta: “O que você diria ao Mundo se todos te ouvissem?”. E a partir disso, iria propor criações cênicas que mobilizassem reflexão e criticidade em relação às questões levantadas por elas.

Logo, essa aula era para situá-las e dar subterfúgios para criarem suas cartas. Apreciamos a declamação da atriz Neruna¹⁷, diante do texto “Eu não sou da Paz” do Marcelino Freire:

DA PAZ

Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico. Não visto camiseta nenhuma, não, senhor. Não solto pomba nenhuma, não, senhor. Não venha me pedir para eu chorar mais. Secou. A paz é uma desgraça.

[...]

Quem vai ressuscitar meu filho, o Joaquim? Eu é que não vou levar a foto do menino para ficar exibindo lá embaixo. Carregando na avenida a minha ferida. Marchar não vou, ao lado de polícia. Toda vez que vejo a foto do Joaquim, dá um nó. Uma saudade. Sabe? Uma dor na vista. Um cisco no peito. Sem fim. Ai que dor! Dor. Dor. Dor. (p.26, 2013)

Quando acabou, aplaudiram.

Pedi para que as educandas me dissessem o que ficou de tudo que viram. Dona Santana ficou um pouco impactada pela raiva e pelo discurso do texto, reclamou dos palavrões que a atriz utilizou. Ela construiu uma interpretação totalmente diferente do contexto da declamação da poesia, perpetuando uma fala racista que, “mulheres negras são barraqueiras”. As outras alunas ressaltaram a violência que demarca o racismo da população negra no país. Tentei mediar uma compreensão melhor do texto para com a Dona Santana, mas sinto que não consegui. Então deixei que as águas fluíssem para ver até onde chegaríamos; depois no final abordaria a questão novamente.

Freire constrói uma metáfora que materializa esse acontecimento: “estando num lado da rua, ninguém estará em seguida no outro, a não ser atravessando a rua. Se estou no lado de cá, não posso chegar ao lado de lá, partindo de lá, mas de cá.” (1989, p.17). Sinto que é necessário respeitar os níveis de compreensão que os educandos mostram da realidade, compreendê-los na construção dos sentidos diante dos seus aprendizados, e, assim, procurar tencionar e construir juntos novas maneiras de enxergar e intervir no mundo. Mas não impor a nossa compreensão em nome de um discurso libertador. Digo isso, pois, senti diversas vezes que proclamava um discurso “antirracista, antimachista, anticapacitista” – mas sem ouvi-los, e isso só os afastava de mim. Era necessário entender que só se constrói esses

¹⁶ Escrevo no feminino, porque a turma era composta majoritariamente por mulheres, como falaremos sobre violência de gênero, seria uma violência continuar falando no masculino.

¹⁷ Disponível aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=XDK64q-H0X0>

lugares de enxergar o mundo depois de muitos acessos – no caso, estudar teatro, ir para a UFMG, entre tantos outros lugares... É aos poucos que construímos formas mais justas para enxergar o nosso entorno.

Quando chegou no “Coração Pulsante” do encontro elas iriam criar a cena a partir da apreciação que tivemos. Pergunto a elas se preferem que eu permaneça na sala para auxiliá-las ou se preferem fazer sozinhas. Dizem que preferem fazer sozinhas. Quando volto para a sala a Dona Santana me comunica: “A gente conversou aqui... Agora entendi, professora, o que ela quis dizer. O sofrimento dela é porque ela perdeu um filho. Se eu fosse ela também teria muita raiva.” Nesse momento os meus olhos se iluminaram, pois compreendi, naquele instante, que a educação é perpassada por muitas trocas - não tão somente entre professora e alunas, mas também (inclusive) entre elas - é só possibilitar espaços em que esses momentos de diálogos aconteçam. Lembrei-me do Gilberto Gil:

Que eu não sou perfeito, mas que o mundo também não é... que eu não tô querendo ser o dono da verdade... que eu não tô querendo fazer sozinho uma obra que é de todos nós e de mais alguém, que é o tempo, o verdadeiro grande alquimista, aquele que realmente transforma tudo. (GIL; VELOSO, 1973)

Acredito muito na comunidade de aprendizado que construímos juntas. Na apresentação da cena, elas usaram um recurso muito interessante: Lucinéia narrou sobre a indignação de perder um filho, principalmente porque essa perda teve a ver com o fato da raça e da classe social. Enquanto isso, as outras educandas (Amélia, Dona Santana, Irene) ficavam dizendo “tenha calma, tenha paz”, fazendo assim extrema conexão com a poesia de Naruna.

(Pausa para derramar 121 lágrimas¹⁸.)

¹⁸ Referência ao massacre que ocorreu no final de outubro de 2025, no Rio de Janeiro, na qual a polícia realizou uma megaoperação deixando uma estimativa de 130 mortos. Enfim, “Eu não sou da paz”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyv8nrlll0yo>

Figura 7: Operação policial que deixou 121 mortos no Rio de Janeiro.



Autor: Bruno Itan

• Cartas para o Mundo

Nesse dia, devido a correria do dia a dia, o sentimento de ansiedade invadia o meu corpo. Resolvi fazer um chá para acalmar por dentro. Esse chá seria servido para as estudantes na conversa final da aula: chás e biscoitinhos de maizena. Coisa mais simples essa, mas deixa um quentinho nos nossos corações. “Enquanto manuseava as ervas, tentei prestar atenção nos cheiros e nas sensações, dedicando aquele momento a uma presença única, a fim de que, no instante seguinte, eu pudesse estar calma o suficiente para articular a aula e ouvi-las com o corpo atento. Lembro-me de um dizer de Larrosa: ‘Falar sobre o que nos acontece; aprender a lentidão; escutar os outros; cultivar a arte do encontro; calar muito; ter paciência e dar-se tempo e espaço.’ (2002, p. 24). Deu certo!”

Desde aquele dia da “falazada” e o lampejo com as palavras de bell hooks, sempre começava as aulas com práticas de meditação e yoga . Notei que essa ação fortalecia a concentração do nosso trabalho em sala de aula:

(...) é possível perceber que a meditação não impacta somente nos aspectos comportamentais, mas também promove o equilíbrio das emoções, contribuindo para a mudança da percepção que os alunos têm de si mesmos e dos que estão a sua volta. (TOLENTINO, 2008, p.68)

Em seguida, cantamos. É impressionante como elas aprendiam a cantar músicas de forma muito rápida. Trago também uma reflexão para a prática docente: no início, quando quis trazer o canto, (infelizmente) subestimei as estudantes, pensando que seria difícil cantar, soltar a voz, ter noção de ritmo e melodia... Enfim, as educandas me deram um tapa na cara! Elas aprenderam e sentiram prazer em aprender as músicas, entravam cantando no tempo certo, afinadas.

Marina Machado considera que “o âmbito da artisticidade é próprio do humano” (p.78, 2016). Hoje, revendo a escrita me questiono: seria necessário cantar afinado, no ritmo sempre? Ou, a experiência de simplesmente cantar (seja como for) já provocaria percepções para com o próprio corpo, para com a própria voz. Amélia era uma estudante que frequentemente faltava devido a várias crises de adoecimento mental. Mas, quando cantávamos para aquecermos a voz para as aulas de Teatro, ela, que quase nunca sorria, abria um sorrisão. Depois que aprendia a letra da música, corria para anotá-la no caderno.

No final do semestre, pedi para que elas pintassem, com tinta guache sobre um papel americano cru, um momento das aulas de Teatro que mais as tivesse marcado. Havia um desejo latente por parte das educandas de explorar a pintura, enquanto eu também nutria o desejo de avaliar como o processo das aulas de Teatro havia reverberado nelas. Assim, decidi unir o “útil ao agradável”.

Figura 8: “Tá caindo flor”



Fonte: Acervo pessoal

Amélia escreveu espontaneamente um bilhete para mim justificando sua pintura: “Escolhi fazer essa pintura porque as aulas de teatro eram constantemente faladas/cantadas. Eu me identifiquei com uma música muito bela, e resolvi expressar com um desenho sobre a aula e a música. As aulas eram super boas. Eu me sentia acolhida e bem.”

Existe uma dimensão que Maria Mar Rubio Horta¹⁹ aponta sobre uma educação perpassada pelos Direitos Humanos, que ressoa tanto no momento inicial desta escrita diante do público da EJA, quanto para o relato de Amélia. A autora tece que educar para os Direitos Humanos é um compromisso com a vida, e celebrá-la é essencial, sobretudo diante da nossa realidade latino-americana, tão marcada com um cotidiano de morte, violência e dor. Desta forma, Rubio tece uma pedagogia que busca desenvolver “uma admiração diante de tudo aquilo que afirma a vida e de descobrir a realidade não como determinante, mas como um campo de possibilidade.” (HORTA, 2000, p.135).

Continuando o rumo da história, dançamos e cantamos como aquecimento teatral. Ver o Seu Damião de 74 anos, soltando os quadris sem nenhum preconceito, com muita abertura para dançar e querer estar atento junto com todas nós, era muito bonito. Em seguida, relembramos a atividade da aula passada com base em Viola Spolin (2001), em que uma parte da turma que faz teatro é observada e a outra, que assiste, observa. Dessa vez trouxe o mecanismo da palma, e quando batia palma quem era observado estava em cena, quando batia de novo, a proposta era desconstruir a presença cênica, e inverter os papéis.

Fizemos também um jogo das emoções, em que a cada instante, pensávamos uma emoção e a corporificamos em cena. Eram os comandos: “Como é expressar alegria? Raiva? Tristeza? Ódio?...”. Em seguida, juntei este jogo com o anterior. Primeiro uns observavam e outros faziam, depois invertemos. Fizeram bem a atividade proposta. Teve até um momento em que Lucinéia pediu a emoção de muita alegria, e Seu Damião se esbaldou na gargalhada, Lucinéia até disse: “Isso quer dizer que a aula tá boa.”

Aqui, chegamos no nosso “Coração Pulsante” da referida aula, elas iriam apresentar os seus “Para Casa”. A ideia é que elas pudessem integrar o aprendizado decorrido dos exercícios anteriores sobre presença cênica, diante da leitura dramática da história que criaram, através do estímulo de criar uma personagem a partir da sua “Carta para o Mundo”. Irene nos contou uma história tristíssima: sobre uma menina chamada Maria, que saiu do interior ainda criança para trabalhar em “casa de patrão” (termo usado por ela). Além do abuso em torno do trabalho, Maria sofreu diversos abusos sexuais. Era muito forte o que foi

¹⁹ Professora Boliviana, membro da Equipe de “Educação, Direitos Humanos e Cidadania da Novamerica”.

contado, ficamos atentas em cada detalhe. No final a Irene disse: “Essa é a minha história, aconteceu comigo de verdade”. Ficamos suspensas por um tempo. Levantei e dei um abraço nela, cantei a música do início da aula. Irene e Seu Damião a acolheram também.

Irene falou que foi muito importante para ela dizer sobre esses abusos. Pois, em nenhum outro lugar, ela se sentiu à vontade de dizer. Na época, ao falar para sua mãe, ela lhe deu uma surra. Hoje em dia teme falar com o marido, porque sabe que ele a repreenderia. Agora, ao reler essas palavras novamente as entrego com os dizeres de Maria Rubio (HORTA, 2000, p.129), na qual educar em Direitos Humanos supõe considerar a vida cotidiana como referência permanente da ação educacional, o que significa suscitar em sala de aula um encontro relacional e sensível com as realidades dos educandos e das educandas.

Figura 9 -Sem título ²⁰



Fonte: Acervo pessoal

Penso que, em alguma medida, aquela experiência de criar uma personagem inspirada na sua própria vida, a transformou muito. Pois, quando fomos reunir as nossas invenções e criações - dramaturgias e manifestos - para publicarmos no Jornal da EJA²¹, ela escolheu

²⁰ Essa pintura foi da Irene diante da sua escolha em pontuar o que ficou mais marcante diante das aulas de teatro.

²¹ Projeto interdisciplinar que busca articular práticas pedagógicas e produção textual, promovendo a integração entre diferentes áreas do conhecimento e a valorização da autoria dos educandos e das educandas. É possível acessá-lo através deste link:

<https://www.cp.ufmg.br/noticia/conheca-o-jornal-da-eja-projeto-dos-professores-em-formacao-da-eja-cp-e-dos-nossos-queridos-alunos/>

esse. Olhei no fundo dos seus olhos e perguntei - “Tem certeza?”, Irene imediatamente respondeu que sim. Meu ponto de vista era que ela iria se expor demais. No entanto, no dia da inauguração do Jornal, momento em que havíamos reunido todos os educandos e educandas da EJA, assim como todos os professores e professoras em formação, Irene simplesmente pediu a atenção de todos, pois ela iria ler “uma coisa”. Era o seu manifesto. Leu e todos permaneceram atentos a história, quando acabou ela chorava lágrimas amenas e contou que aquela história era a sua vida. Quem tinha segurado o choro até ali, não aguentou e chorou. Muitas pessoas se emocionaram nesse dia.

O teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. Descobre que pode ver-se no ato de ver - ver-se em *situação*. Ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é, e imagina o que pode vir a ser. Percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir. (BOAL, 1996, p.27)

Naquela aula percebi que criamos juntas um coletivo teatral, em que confiamos umas nas outras; Irene se sentiu livre, ao criar artisticamente e falar desta questão, e nós conseguimos acolhê-la. Revendo esse acontecimento, lembro-me dos dizeres da professora Symaira Nonato²², durante uma aula da disciplina “Juventude e Educação Popular: Reflexões sobre metodologias para trabalhar com jovens”, ao nos mostrar a “Teoria do Reconhecimento” de Honneth, fiz as seguintes anotações:

Amor e relações primárias - permitem autoconfiança

Direito e respeito jurídico - permitem autorrespeito

Estima social - permite autoestima. (2023, Anotações pessoais diante do meu “Diário de Vivências”, da disciplina citada.²³)

• O Homem Atrevido

Não foram apenas as mulheres que escreveram sobre as suas questões diante das problemáticas de gênero, Seu Damião também o fez. A seguir partilho da sua escrita:

<https://www.cp.ufmg.br/noticia/conheca-o-jornal-da-eja-projeto-dos-professores-em-formacao-da-eja-cp-e-dos-nossos-queridos-alunos/>. Acesso 22 nov 2025.

²² Mulher negra e professora da Faculdade de Educação da UFMG. Pesquisadora da Educação Popular. Atua como coordenadora geral do Programa Observatório da Juventude da UFMG.

²³ É possível saber mais diante da obra “Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais”, publicada pela Editora 34, 2003.

(A mulher entra no ônibus e fica distraída. Quando entra um sujeito atrevido, e de repente ele vai encostando nela. Ela fica nervosa.)

- MULHER: Atrevido! Você é um atrevido, vou chamar a polícia, viu? Sem caráter!

(O policial chega.)

- POLICIAL: O que está pegando?

- MULHER: É normal alguém pegar nas pernas de uma mulher?

• **“Vou aprender a ler para ensinar meus camaradas”**

Por ter estudado no Valores de Minas, onde vivi a oportunidade de experimentar as diversas linguagens artísticas - dança, música, artes visuais, circo e teatro - me inventei como artista-professora que passeia por essas linguagens, embora meu foco sempre esteja na Pedagogia do Teatro. No primeiro semestre de 2024, durante a disciplina de Estágio III, o professor Vinícius Lírio²⁴ nos apresentou um conceito que, para mim, foi muito caro: “o Teatro como campo expandido”. Para ele é possível “pensar na diluição de fronteiras entre linguagens, oportunizando às alunas e alunos o contato com fazeres e saberes da Arte, por meio de criação, apreciação e transversalização em práticas pedagógicas contextualizadas” (LÍRIO, 2017, p.47).

Desta forma, ter contato com essa perspectiva de imaginar, inventar e manusear práticas educativas transversais, radicalizou a possibilidade de ser artista-professora. Comecei a enxergar a sala de aula como um laboratório, onde seria possível, através das singularidades de cada turma, “construir processos criativos e de aprendizagem entrecruzados; abordagens pedagógicas na sala de aula que gerem interação, ação, reflexão e construção de conhecimentos, saberes e fazeres” (*idem*).

Gostaria de contar brevemente sobre a criação do Mini.Doc 'Vou aprender a ler pra ensinar meus camaradas', uma experiência de criação compartilhada com outras pessoas, que tive a oportunidade de apresentar além da sala de aula, no ENEARTE²⁵. Essa experiência

²⁴ Professor da Faculdade de Educação da UFMG. Doutor e Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Licenciatura em Teatro também pela UFBA, além de encenador e ator.

²⁵ O Encontro Nacional de Estudantes de Arte (ENEARTE) é um congresso que reúne estudantes de arte de todo o Brasil para discutir, refletir e promover o intercâmbio cultural sobre a arte e a sociedade.

propiciou inúmeras “pulgas atrás da orelha”, algo que vai reverberar futuramente na minha prática como artista-professora-pesquisadora. (Seria um mestrado? Quem sabe... Assunto para as próximas águas dessa maré).

O Mini.Doc teve sua semente plantada ainda em 2024, quando estávamos, eu e mais duas professoras em formação de História, sentadas na escada, danando de conversar churumelas. Até que Bela, que fez algumas aulas de Teatro com a gente, perguntou: “O que você faz nas aulas que as meninas parecem tão engajadas?”. Relembrei da experiência daqueles professores do Ensino Fundamental II, que conseguiram mobilizar os conhecimentos a partir do mundo externo, entrelaçando com o nosso mundo interno. Isso havia me marcado tanto que virou uma aposta ensinar teatro a partir desse fundamento.

– Mas como fazer isso com a História?

Ficamos um bom tempo maturando ideias, até que em um dado momento, pensamos em construir juntas uma “Linha do Tempo” que interligasse os fatos marcantes da vida dos educandos e educandas com os fatos marcantes da História do país.

Água fluíu no rio dessa história, até que, durante o segundo semestre de 2024, ministrei aulas de Arte para os anos finais do Ensino Fundamental. Ao chegar para a reunião semanal com os outros professores em formação, que lecionavam as demais disciplinas, descobri que eles já estavam desenvolvendo um projeto interdisciplinar. O objetivo desse projeto era construir uma instalação artística baseada nas memórias dos estudantes, relacionadas a cada área do conhecimento²⁶.

Matutei e matutei mirabolações do que poderia vir a ser. Até que um dia durante as nossas reuniões semanais com a equipe de todos os professores em formação, a professora em formação de História, Lara Evelin, nos contou sobre as suas aulas. Ela estava produzindo a famigerada “Linha do Tempo”, aquela mirabolamos sentada na escada. SUPIMPA! Tive a ideia de produzirmos um Mini.Doc que mostrasse o processo criativo e histórico da “Linha do Tempo”. Para que isso se concretizasse, os educandos e as educandas iriam gravar e produzir as narrativas que queriam expor diante dos fatos que marcaram as suas vidas.

Durante as gravações, os educandos realizaram escolhas estéticas, tais como, de que modo iriam filmar as cenas, quais músicas colocariam e o quê iriam eleger para dizer. Apreciamos também trechos de duas obras documentais da Petra Costa - “Elena” (2012) e “Democracia em Vertigem” (2019) - filmes que retratam histórias autobiográficas da autora.

²⁶ O trabalho intitulado “Memórias da EJA: Nossas vidas em palavras” posteriormente, foi premiado como destaque de extensão na Semana do Conhecimento da UFMG em 2024.

Gastamos mais tempo esmiuçando o “Democracia em Vertigem”, no qual Petra consegue interligar a sua vida pessoal com os fatos históricos que marcaram a democracia do país.

Há uma passagem clássica que Freire diz: “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele (1989, p. 11)”. Ana Mae Barbosa²⁷ vai além, pois “se pretendemos educar para uma leitura do mundo, como dizia Paulo Freire, será preciso considerar de igual importância a leitura verbal e a leitura de imagens” (2022, p.3).

Desta forma, apreciar o documentário era ler o mundo através das imagens captadas por Petra, mas, era também ler o mundo a partir daquilo que nos tocava. Inicialmente tive receio de tratar questões tão delicadas - tematizar o suicídio em “Elena”, e em seguida falar sobre o *impeachment* (GOLPE) da Dilma, em “Democracia em Vertigem”. Valeu o risco, pois naquele dia falamos sobre assuntos temerosos, cada um apontando pontos de vistas e vivências, tencionando, perguntando, analisando.

Durante as filmagens todos os educandos falaram MUITO da importância de voltarem a estudar. Isso retoma os dizeres de Sérgio Haddad (p. 27, 2017), sobre a equidade entre o acesso à educação e ao acesso à cidadania. Pois, através do acesso à educação consegue-se ter melhores condições de realizar e defender os outros direitos humanos como saúde, habitação, meio ambiente, participação política etc. O autor justifica, o direito à educação como um direito de síntese, pois sua conquista possibilita e potencializa a garantia de outros direitos - tanto no sentido de exigí-los, quanto de desfrutá-los.

Por isso, elegemos a frase para o título do Mini.Doc “Vou aprender a ler para ensinar meus camaradas”²⁸ (RODRIGUES, 1999), pois quando se aprende a ler as palavras, as imagens, os gestos, os sons da vida cotidiana que nos cerca, também se aprende a ler o mundo em seu contexto, e quiçá a questioná-lo. Parafraseando Brecht, a pior falta de letramento é o iletramento político, pois nessa falta não se reconhece “[que] o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio depende das decisões políticas” (1988, p.42). Da mesma forma, que, quando aprendo a ler o mundo, vou ensinar para os meus camaradas, porque “nenhum de nós está só no mundo, cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1989, p.16).

²⁷ Ana Mae Barbosa é uma das principais referências da Arte-Educação no Brasil. Ela sistematizou a abordagem triangular, um modelo de ensino da arte que organiza o trabalho pedagógico em três eixos integrados: apreciar, contextualizar, produzir (BARBOSA, 1991, p. 11-28). Ana foi aluna do Paulo Freire desde dos 18 anos.

²⁸ O título faz alusão à música “Yaya Massemba” dos compositores Roberto Mendes e José Carlos Capinan, interpretada por Virgínia Rodrigues.

Ter experienciado esse processo de ensino-aprendizagem me ajudou a compreender que experienciar a Arte para os Direitos Humanos é sonhar e construir lugares onde possamos celebrar a vida e a dignidade humana.

(Pausa para assistir “Vou aprender a Ler para ensinar meus camaradas”²⁹)

• **“ Ficamos ali sonhando em silêncio”**

Em 2025, tive a possibilidade de exibir o nosso documentário duas vezes. A primeira foi em outubro, no “Encontros com a Arte”. As pessoas que estavam presentes - alunos da EJA, professores em formação, e sobretudo os participantes do Mini.Doc - ficaram muito emocionados. Os realizadores do filme choravam ao se verem, verem as suas histórias compartilhadas.

Em novembro, o apresentei novamente no Encontro Nacional de Estudantes de Arte (ENEARTE), que ocorreu em Belém do Pará. No início, fiquei muito receosa de levá-lo, porque me perguntava: “O quê da nossa vida, daqui em BH, poderia ressoar nas vidas das pessoas de lá?”.

Quando terminei, ouvi algumas pessoas chorando. Penumbra, uma mulher trans e indígena da Caatinga de Pernambuco, disse que se emocionou porque se identificava com o filme, sobretudo quando falamos sobre os processos da construção da História Oficial, interligada com a vida particular de cada pessoa ali posta em cena.

Um homem muito emocionado nos contou a história dos seus pais e a luta diária deles em concluir os estudos através da EJA. Dizia sobre como era difícil para os pais essa labuta de ter filhos, ter que garantir o sustento de cada um deles, e, ainda por cima, ter o sonho de aprender a ler. Ele chorava tanto que não me aguentei, levantei e o abracei. Me emocionei...

Há um *causo* ainda que não contei e tece toda essa história - o vislumbre de dar aula para a EJA. Quando tinha sete anos, ia com o meu pai para a EJA à noite, depois do seu turno de trabalho. Embora indisciplinada, sempre gostei muito de estudar. Afinal, nessa idade já era professora dos meus ursos de pelúcia e bonecas. Logo, ir com ele para a escola era um pretexto de aprender e ter mais o que ensinar.

Adorava ver aquele tanto de adulto estudando, porque era contra a lógica fabricada cujo lema seria “só crianças estudam”. Ali vivia um mundo novo. Aqueles homens barbudos que falavam alto, contavam piadas na hora do intervalo. Eles riam tão alto que eu tinha

²⁹ É possível assisti-lo através desse link: <https://www.youtube.com/watch?v=HH0rjn9aNJY&t=146s>. Acesso: 25 nov 2025.

medo... Durante as aulas, alguns cochilavam, outros, persistentes, tentavam participar. Meu pai era um desses guerreiros que tentava participar, mesmo exausto diante do dia inteiro de trabalho.

Lembro, com riqueza de detalhes, um ensinamento do professor de português sobre “homônimos”, palavras que possuem significados diferentes com a mesma grafia. Ele dizendo: “Por exemplo, pessoal, a palavra quadrilha: Existe a festa - ele cantava uma música clássica de quadrilha para ver se animava a turma - e existe também uma quadrilha de assaltantes” - ele fazia barulho de armas e todos os alunos riam.

Essa memória veio na hora em que abraçava aquele homem choroso em Belém do Pará. Ficamos nós dois assim, por um tempo, no meio do auditório. Tentando organizar forças através das nossas histórias particulares, que eram entrecidas por tantas outras pessoas. Ficamos ali sonhando um outro mundo possível, cuja leitura das palavras e dos contextos, seria um direito a todos. Ficamos ali sonhando em silêncio, porque ambos - eu e ele - nos tornamos professores da Educação de Jovens e Adultos.



Figuras 10, 11, 12: Momentos do Mini.Doc.

3. PARA ONDE VOU?

• Maré Cheia - Lugares de se sonhar a vida e o mundo

A utopia me inspira como serventia de nunca parar de caminhar. Ela é como um horizonte - quando dou um passo, a utopia dá outro, se corro, a utopia também corre. Acredito que, por mais que caminhemos para alcançar o sonho de consolidar um mundo mais justo, a utopia (assim como o horizonte) também se afasta, visto que nunca se acaba a capacidade de esperar um mundo em que haja dignidade para todos. Aqui, quem fala é uma sonhadora, que sonha estas palavras juntamente com outras várias pessoas, que um dia, antes de mim, sonharam a Pedagogia do Teatro como prática de emancipação social.

Agora, depois desse rio de palavras jogadas, sou outra pessoa. Devo muito aos meus educandos e as minhas educandas, que me alargaram a compreensão do que pode vir a ser a Pedagogia do Teatro que quero estar inserida, cujos verbos são criar, praticar e pesquisar. Devo a eles esse aprendizado constante assinalado por Juan Pablo, que viver é ter a certeza de que alguém é alguém (*apud* NARANJO, 2013, p. 122).

Reparar na vida ordinária das pessoas que me cercam, acabou virando combustível para me movimentar pelo mundo. Me movimentar contra as malvadezas do mundo. O exercício de relembrar a minha trajetória, a vida dos meus pais e dos educandos com quem trabalhei, ajudou a elucidar os meus caminhos para o futuro.

Por sorte trago com muito carinho a adolescente que sonhava que o Teatro seria capaz de virar o globo de “pernas para o ar”. Embora as linhas que tecem o meu bem-viver agora sejam outras, menos inocentes, pois sinto que “[Ainda] todos os homens voltam para casa. Estão menos livres mas levam jornais e soletram o mundo, sabendo que o perdem” (DRUMMOND, 1945, p.13).

Amadureci (um pouco) e vi que tudo é muito complexo. Não é nada fácil essa tarefa de soletrar e perder o mundo constantemente. Mas vejo com muita beleza essa gana esperançosa e ingênua de quando tinha de 15 a 18 anos. Hoje sinto o quanto o tempo é espiralar - o passado, o presente e futuro - são fabricados juntos. Logo, há muito da criança do “boró encerado” que fui dentro de mim; assim como há muito da adolescente “roqueira, roquerinha, roqueirona”. E haverá muito desta adulta na velha que um dia serei. Você também se sente assim? É assombroso, mas é de uma beleza inimaginável! Quando olho para os educandos e as educandas a quem dou aula, gosto de repará-los com toda a teia de “espiralações” que os fazem ser quem são. Olhá-los demoradamente e percebê-los que são

Alguém, mesmo que com opiniões totalmente *avessas* às minhas, e compreendê-los como frutos de um mundo em construção.

Assim como Paulo Freire, me arrisco a pensar e praticar a educação como uma maneira de intervir no mundo. Quando penso assim, “o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de belezas e não *espaço* vazio a ser preenchido por conteúdos” (FREIRE, 1996, p.51). Pensar que somos inacabados acende em mim fagulhas e lampejos de esperança. Ora, se somos inacabados, o mundo que construímos também é... E esta monografia de conclusão de curso também.

PÓS-FACIO

Maré Vazante - Ao Futuro

Daqui a dez anos, meus cabelos (talvez) irão começar a embranquecer ou (talvez) a se acinzentar. Os meus poros irão se contrair, neles começarão a nascer vales sinuosos - será como um relevo desértico, por onde correrão mil águas, que serão as minhas lágrimas de alegria e glória diante do Tempo. No meu coração as contrações serão precisas e insistentes, como sempre foi e sempre será até o último farfalhar dos brônquios. Embora que desejo ao coração (esse bruxo bucólico) mais sabedoria e raios de luzes incandescentes. Desejo ao organismo nesse novo tempo futuro, uma sabedoria de mulher sussuarana - valente, feroz e leal. Leal ao direito à vida. Leal a si (que é parte), ao todo (que é parte de si). Mas para além de valente e feroz, também doce e madura. Madura feito fruta que está ardente no pé e dá de saciar a fome de quem tem fome. Madura como quem alimenta e nutre a Terra e o próprio ventre. Desejo. Desejo forte o encontro com esta mulher que está por vir, e ao mesmo tempo já está sendo, porque o tempo é espiralar e se constrói agora. Essa mulher já sou eu. Eu sou esse tempo de dez anos e sinto minha pele murchar-se e o coração transcender.

REFERÊNCIAS

- ALEUIA, Mateus. Fogueira Doce. São Paulo: MM RIGHTS, 2017. 1 álbum (aprox. 40 min), sonoro.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1945.
- ANDRADE, Carlos Drummond. . *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- APPELFELD, Aharon. *Expedição ao Inverno*. 1º Edição. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 11-28.
- BARBOSA, Ana Mae. Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 9, p. 1-17, 2022. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em: [23 nov 2025].
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: as infâncias*. São Paulo: Planeta, 2008.
- BOAL, Augusto. *O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BRECHT, Bertolt. O analfabeto político. In: *TERRA NOSSA: Newsletter of Project Abraço*. Vols. 1–7. Santa Cruz: Resource Center for Nonviolence, 1988. p. 42.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Pedro Machado. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- COSTA, Petra. *Elena* - Trailer Oficial. Youtube, 2014. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=yc0T-pPwrTk>. Acesso: 25 jan 2025.
- DEMOCRACIA em Vertigem. Direção: Petra Costa. Brasil: Busca Vida Filmes, 2019.
- DUBET, François. *O que é uma escola justa?* Cadernos de pesquisa, v. 34, n. 123, p. 539-555, 2004.
- FREIRE, Marcelino. *Rasif: mar que arreventa*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 3º Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. Indaiatuba: Villa das Letras, 2007.

FREIRE, Paulo.. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GIL, Gilberto; VELOSO, Caetano. Iansã. In: GIL, Gilberto. *Ao Vivo na USP*. São Paulo: Gege Produções Artísticas, 1973. 1 álbum ao vivo. Faixa: Iansã.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. *Pro-Posições*, Campinas, v.22, n.2(65), p.75-92, maio/ago, 2011.

HADDAD, Sérgio. Educação de jovens e adultos, direito humano e desenvolvimento humano. In: CATELLI JUNIOR, Roberto (org.). *Formação e práticas na educação de jovens e adultos*. São Paulo: Ação Educativa, 2017. p. 23–42.

HORTA, Maria Del Mar Rubio. Educar em direitos humanos: compromisso com a vida. In: CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana (org.). *Educar em direitos humanos: construir democracia*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 125-139

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LARROSA, Jorge Bondía. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002

LÍRIO, Vinícius da Silva. outros espaços e outros tempos e outros encontros: ações, poéticas e pedagogias por uma cena expandida. In.: GÓES, Margarete S. et al (Orgs). *Utopia, distopia, heterotopia: paisagens culturais e políticas de formação*. Vitória: UFES, 2021, p. 164-176.

MACHADO, Marina Marcondes. Arte, fenomenologia e infância. In: HARTMANN, Luciana; VELOSO, Graça (org) *O teatro e suas pedagogia: práticas e reflexões*. Brasília: Editora Unb, 2016, p. 71-83.

MADEIRA, Carla. *Tudo é Rio*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

MONTENEGRO, Oswaldo. Léo e Bia. Brasil: [s.d.], 2010. 1 DVD (88 min), colorido. Produzido por Daniela Gracindo e Paula Horta. Roteiro de Oswaldo Montenegro.

NARANJO, Javier. *Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.

PARSONS, T. *A classe como sistema social*. In: BRITO, S. (org.). *Sociologia da Juventude III*, RJ: Zahar, 1968, p.47-74.

RODRIGUES, Virgínia. Yáyá Massemba. Intérprete: Virgínia Rodrigues. Compositores: Roberto Mendes; José Carlos Capinan. In: RODRIGUES, Virgínia. *Mama Kalunga*. São Paulo: Universal Music, 1999. 1 CD.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

UNICEF Brasil. Declaração Universal dos Direitos Humanos: adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 21 nov. 2025.